DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DO CARANGUEJO-UÇÁ, *UCIDES CORDATUS* (LINNAEUS, 1763) (BRACHYURA: OCYPODIDAE), NO MOSAICO LAGAMAR, BRASIL

Matsunaga, A.M.F.^{1,3,*}; Pimenta, C.E.R.¹; João, M.C.A.¹; Kriegler, N.^{1,3}; Masunari, S.² & Pinheiro, M.A.A.^{1,3}

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências (IB), *Campus* do Litoral Paulista, Laboratório de Biologia da Conservação de Crustáceos (LBC) - CRUSTA.

² Universidade Federal do Paraná (UFPR), *Campus* Centro Politécnico, Laboratório de Ecologia de Crustacea.

³ Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade Aquática, Universidade Estadual Paulista (UNESP).

*Autor correspondente: akemematsunaga@gmail.com

O conhecimento da distribuição espacial de *Ucides cordatus* (Linnaeus, 1763) é estratégico como subsídio ao ordenamento deste recurso pesqueiro, visando sua sustentabilidade e a socioeconomia das comunidades tradicionais. O presente estudo avalia a distribuição espacial desta espécie em função do nível de inundação pelas marés, utilizando dados de duas áreas de manguezal (JUR: ESEC Juréia-Itatins/SP; e SUP: PARNA do Superagui/PR). O caranguejo-uçá foi amostrado sazonalmente (verão e inverno), por dois anos, em duas feições de manguezal (M, margem; e A, “apicum”) com distinta inundação pelas marés, utilizando cinco quadrados de 5x5m/feição. Neles foram verificados sua densidade populacional (método indireto: contagem das galerias ativas/área), a densidade arbórea (número de troncos vivos das espécies arbóreas/área) e o nível de inundação (NI) (nível máximo de distribuição vertical do *Bostrychietum* na base de troncos arbóreos). A distribuição espacial da espécie foi avaliada segundo o índice de dispersão (D), estabelecido pela razão entre a variância (V) e média (M), podendo ser: uniforme ($V/M < 1$); casual ($V/M = 1$); ou agregada ($V/M > 1$). A distribuição espacial do caranguejo foi agregada, especialmente no “apicum” e durante o verão ($22,1 \leq D \leq 36,8$), superando de 2-9 vezes os valores obtidos em relação à margem ($4,2 \leq D \leq 10,9$), sendo a agregação no inverno quatro vezes inferior à de verão. O NI diferiu entre as feições de manguezal, independente da área de estudo, sendo maior na margem ($29,2 \leq NI \leq 78,7\text{cm}$) do que no “apicum” ($1,2 \leq NI \leq 39,9\text{cm}$) ($F=41,47$; $p=0,000$). Por sua vez, a densidade do caranguejo mostrou um padrão inverso em relação a NI ($r=-0,90$; $p=0,002$), sendo mais elevada no “apicum” ($2,7 \pm 1,7\text{ind./m}^2$) do que na margem ($1,8 \pm 1,3\text{ind./m}^2$), tanto em JUR como SUP ($F=6,35$; $p=0,014$). A densidade arbórea apresentou o mesmo padrão da densidade do caranguejo (A: $0,50 \pm 0,27\text{ind./m}^2 > M: 0,31 \pm 0,15\text{ind./m}^2$) ($F=15,07$; $p=2,15 \cdot 10^{-4}$), sendo confirmada correlação positiva entre tais variáveis ($r=0,76$; $p=0,029$). Portanto, a distribuição espacial de *U. cordatus* tende a ser mais agregada durante o verão, em áreas de menor inundação (“apicum”) e com maior adensamento de árvores, que repercutem na maior densidade deste crustáceo. O conhecimento do efeito destas variáveis sobre a densidade deste recurso pesqueiro é de relevância, haja vista que através deles é possível estabelecer áreas destinadas à preservação ou extração.

Palavras-chave: Densidade, ESEC Juréia-Itatins, ordenamento pesqueiro, PARNA do Superagui.

Financiamento: FAPESP/FGB (Projeto Uçá-Clima, Proc. n° 2014/50438-5).